

# Freire e Morin: concepções que confluem para resgatar a humanização na educação

*Marisa Garbellini Sensato*

PUC/SP

marisasensato@gmail.com

*Ana Maria Di Grado Hessel*

PUC/SP - TIDD

anadigrado@pucsp.br

“A experiência dialógica é  
fundamental para a construção  
da curiosidade epistemológica”

(FREIRE, 2001, p.81)

## Resumo

Este ensaio tem o objetivo de promover reflexões a respeito da concepção humanista libertadora a partir da obra de Paulo Freire, examinando as categorias diálogo e problematização, as quais são mobilizadoras do empoderamento do sujeito para promover a mudança de sua realidade, em articulação com as ideias de Edgar Morin acerca do conceito de compreensão. Trata-se de um estudo bibliográfico com foco na educação humanista e nas aproximações de dois autores centenários. Os achados do estudo procuram discutir a adoção de uma educação que conscientize o indivíduo sobre a sua realidade, por meio do conhecimento de seu contexto, da compreensão com a finalidade de assumir o seu papel de sujeito histórico. Para tanto, os argumentos apresentados evidenciam as características de uma sociedade de resultados que precisa ser transformada por uma proposta humanizadora.

**Palavras-chave:** Educação humanista. Educação libertadora. Diálogo. Problematização. Compreensão.

# Freire and Morin: conceptions that come together to rescue humanization in education

## Abstract

This essay aims to promote reflections on the liberating humanist conception based on the work of Paulo Freire, examining the categories of dialogue and problematization, which mobilize the subject's empowerment to promote the change of their reality, in conjunction with the ideas by Edgar Morin on the concept of understanding. This is a bibliographical study focusing on humanist education and on the approximations of two centuries-old authors. The findings of the study seek to discuss the adoption of an education that makes individuals aware of their reality, through knowledge of their context, understanding in order to assume their role as a historical subject. Therefore, the arguments presented show the characteristics of a society of results that needs to be transformed by a humanizing proposal.

**Keywords:** Humanist education. Liberating education. Dialogue. Problematization. Understanding.

# Freire y Morin: concepciones que se unen para rescatar la humanización en la educación

## Resumen

Este ensayo tiene como objetivo promover reflexiones sobre la concepción humanista liberadora a partir de la obra de Paulo Freire, examinando las categorías de diálogo y problematización, que movilizan el empoderamiento del sujeto para promover el cambio de su realidad, en conjunción con las ideas de Edgar Morin sobre la concepto de comprensión. Se trata de un estudio bibliográfico centrado en la educación humanista y en las aproximaciones de dos autores centenarios. Los hallazgos del estudio buscan discutir la adopción de una educación que sensibilice a los individuos sobre su realidad, a través del conocimiento de su contexto, entendiendo para asumir su rol de sujeto histórico. Por tanto, los argumentos presentados muestran las características de una sociedad de resultados que necesita ser transformada por una propuesta humanizadora.

Palabras clave: Educación humanista. Educación liberadora. Diálogo. Problematización. Comprensión.

## Palavras iniciais

A segunda década do século XXI desponta repleta de vicissitudes em todos os campos da existência humana, as disparidades são acentuadas pelo “poder dos poderosos que sempre procurou esmagar os sem poder” (FREIRE, 2001, p. 23). O enfrentamento às sucessivas crises que assolam a humanidade está exaurindo a humanização, o panorama de “isolamento negativo”, que na concepção freireana refere-se ao individualismo que busca fazer com que tudo gire em torno de seus interesses e de si próprio. Soma-se a essa realidade equivocada a crítica de Morin (2015) à nossa vida social patológica, a respeito dos “valores do ter” que se sobrepõem aos “valores do ser”.

Diante da conjuntura enfrentada, a educação como processo humano, se depara com todas as problemáticas que se concretizam nesse momento histórico e necessita de ações e práticas educativas que possibilitem transformações imediatas, que possam auxiliar no processo de humanização. Entretanto, o enfrentamento dessas mudanças não se efetiva por meras reformas ocasionais ou isoladas, pois nos falta uma visão complexa de nossa realidade. Antes de tudo carecemos de muita reflexão sobre nossos modos de vida, sobre o que desejamos para nossos filhos e o que precisamos para resgatar o homem dos equívocos do próprio homem. Precisamos fomentar entre nós os hábitos de pensar e refletir. Para tanto, Freire e Morin nos oferecem subsídios poderosos e capazes de fundamentar nossas reflexões.

De acordo com Morin (2002, p.21), “a primeira finalidade do ensino foi proposta por Montaigne: mais vale uma cabeça bem-feita que uma cabeça bem cheia.” A análise acerca da afirmação de Montaigne torna possível reconhecer a distância entre cabeça bem cheia, que está relacionada ao conhecimento acumulado, sem atribuição de significado nem relação com a realidade e a vida prática. Em contrapartida, a cabeça bem-feita corresponde ao conhecimento estruturado a partir da problematização e da construção de sentido, que favorecem a conexão entre os saberes a partir de princípios organizadores.

Em face do exposto, refletir sobre a educação humanista libertadora, a partir da articulação dos escritos de dois pensadores

centenários, associados aos saberes construídos na experiência educacional das autoras, propiciou a construção de conhecimentos e referências importantes para a promoção de diálogos que inspirem novos fazeres na educação formal. Assim se justifica a relevância de realizar um estudo acerca da proposição de uma educação humanizadora e libertadora, com vistas à compreensão plena dos conteúdos que estão presentes nos currículos das instituições educativas.

Morin (2015, p. 23) afirma:

Ao percorrer esse caminho (pensamento complexo), adquiri a convicção de que embora nossa educação ofereça instrumentos para se viver em sociedade (ler, escrever, calcular), ofereça elementos (infelizmente separados) de uma cultura geral (ciências da natureza, ciências humanas, literatura, artes), destine-se a preparar ou oferecer uma educação profissional, ela sofre de uma carência enorme quando se trata da necessidade primordial de viver: errar e se iludir o menos possível, reconhecer fontes e causas de nossos erros e ilusões, procurar em qualquer ocasião um conhecimento o mais pertinente possível.

Freire (2001, p.19) esclarece que “é necessário estar sempre à espera de que um novo conhecimento surja, superando outro que, já tendo sido novo, envelheceu”, pois, “a História é tão vir-a-ser quanto nós”.

Os autores nos exortam a considerar o ponto de vista das necessidades do sujeito que aprende, Morin aponta a enorme carência de conhecimento a respeito da vida existente na educação e Freire anuncia o vir-a ser, que destaca a efemeridade da existência humana. Isso mostra que a educação, por meio das práticas educativas deve ser transformadora e colaborar com o processo de emancipação das pessoas.

Dessarte, depois de expor o contexto que desencadeou este trabalho e a proposta de desenvolver reflexões mediatizadas pelo conhecimento e pela realidade vivida e iluminada pelos pensamentos de Paulo Freire e Edgar Morin, propõe-se criar referências para a construção de percursos formativos amparados em ideias humanizadoras e mobilizadoras de ações educativas sustentáveis que valorizem os princípios da ética e da solidariedade.

## Autores centenários: Paulo Freire e Edgar Morin

No livro “Cartas à Cristina” (FREIRE, 1994, p.40), Freire apresenta sua posição de “otimismo crítico, isto é, a esperança que inexistente fora do embate” e afirma que voltar-se à infância longínqua, é um “ato de curiosidade necessário” em busca das razões de ser dos fatos em que se envolveu e suas relações com a realidade social em que participou. Identicamente Morin realiza um mergulho em sua própria história, relacionando-a com a realidade vivida perscrutando as motivações para suas construções teóricas.

No preâmbulo da obra, “É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus” escrita em 2020, Morin apresenta “cem anos de vicissitudes” a partir dos fatos vividos em sua própria história. Cita a gripe espanhola que marcou seu nascimento devido à lesão cardíaca de sua mãe, sequela da gripe, bem como a crise mundial de 1929, que levou seu pai a grandes perdas financeiras seguidas da morte de sua mãe.

A crise de 1929 aflige a família de Freire em conformidade com a realidade brasileira, em que as famílias de classe média experimentam os desafios da posição de classe em relação à experiência da fome. A década que se seguiu revelou a Freire a existência das fronteiras de classe a partir da observação das pessoas “imersas numa cotidianidade alienadora, sem alcançar a razão de ser dos fatos em que se achavam envolvidos, eram, na sua maioria, homens e mulheres existencialmente cansados e historicamente anestesiados” (FREIRE, 1994, p.51)

Relatando a formação do ciclone (1930-1940), que correspondeu à ascensão de Hitler e a entrada da política em sua vida, então com treze anos. Quanto à segunda guerra mundial, Morin afirma:

No que me diz respeito, a guerra me transformou em comunista, embora toda a minha cultura anterior tivesse me dado pleno conhecimento dos vícios e das mentiras stalinistas. Precisei realizar uma conversão intelectual, que acreditava ser racional, na verdade místico-religiosa, para aderir ao novo messianismo que prometia a emancipação da humanidade. (MORIN, 2020, p12)

Ao se referir à grande crise intelectual de 1956-1958, esclarece que dirigia a revista *Arguments*, fundada em 1957, dedicada à questionamentos e debates, que o levaram a empreender uma grande reavaliação de suas ideias e passou a abordar o “problema-chave dos fundamentos de nosso conhecimento e da busca por um pensamento que possa responder aos desafios da complexidade do mundo, especialmente humano” (MORIN, 2020, p.13). Tais reflexões o acompanharam durante trinta anos na elaboração de “O Método”.

Maior de 68, na perspectiva de Morin foi uma aspiração à “verdadeira vida” e sua simpatia pelo movimento juvenil “eclipse” em sua mente as intolerâncias e a força policial dos revoltosos. Juntamente com Lefort e Castoriadis diagnosticou uma brecha na linha de flutuação de nossa civilização, embora o movimento tenha parecido insignificante, “houve uma intensa e longa cauda de cometa com um empuxo acelerador no longo e lento processo de emancipação feminina, certa liberalização dos costumes, uma compreensão das homossexualidades” (MORIN, 2020, p.14).

Acerca da crise ecológica, Morin é enfático ao afirmar que teve a oportunidade de ganhar consciência ecológica na Califórnia em 1969-1970 e faz menção ao relatório *Meadows*, publicado em 1972, que revelava as rápidas e amplas degradações do meio natural. Diante disso evidencia a extrema lentidão da tomada de consciência ecológica e sua insuficiência cinco décadas depois, associadas à “indigência da ação política e econômica para evitar desastres cor-relativamente humanos e naturais” ((MORIN, 2020, p.15).

Morin finaliza as vicissitudes relatando sua dedicação à resistência em duas frentes, que se constituíram progressivamente em intelectual e política frente às duas barbáries ameaçadoras à humanidade:

a velha barbárie, vinda do fundo das eras, de dominação, sujeição, ódio, desprezo, que irrompe cada vez mais em xenofobias, racismos generalizados e guerras do Oriente Médio e da África, e a barbárie fria e gélida do cálculo e do lucro, que assume o comando em grande parte do mundo. É nessa resistência que desenvolvi ideias formuladas a partir dos anos 80 do século passado, expostas em livros, artigos e conferências. ((MORIN, 2020, p.16)

## Categorias freireanas: diálogo, problematização, empoderamento

De acordo com Zitkoski (2020, p. 192) “a proposta de uma educação humanista-libertadora em Freire tem no diálogo/dialogicidade uma das categorias centrais de um projeto pedagógico crítico, mas propositivo e esperançoso em relação ao nosso futuro”. Trata-se de uma categoria fundante do pensamento freireano, a partir da concepção do diálogo como processo dialético-problematizador, que é “a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo”.

Nesse entendimento, a educação humanista está alicerçada sobre as condições de diálogo, que possibilita olhar a vida na sociedade como processo em construção, sobre o qual é possível agir de modo a transformá-la. Freire (1993, p. 77) esclarece que “a palavra assume o sentido de dizer o mundo e fazer o mundo. Ou seja, palavra verdadeira é práxis social comprometida com o processo de humanização, em que ação e reflexão estão dialeticamente constituídas”.

Vale ressaltar que, as afirmações do autor referem-se ao “diálogo verdadeiro” que pressupõe a escuta atenta, a garantia do direito à participação e o compromisso com a superação das situações problema rumo ao inédito viável, que se constitui a partir do envolvimento coletivo e de práticas colaborativas e participativas.

É importante ressaltar que Freire entende que o diálogo faz parte da natureza humana constituída social e historicamente e não se refere ao diálogo como uma simples conversa para troca de opiniões ou convencimento, está relacionado ao compromisso com a transformação da realidade. Para o autor, existir humanamente significa “pronunciar o mundo e assim, modificá-lo” (FREIRE, 1987).

A categoria problematização não tem sentido unívoco na obra de Freire, é entendida como um método de conhecimento e de aprendizagem e, outras vezes, como uma atitude inerente à “essência do ser da consciência”, ou seja, com um sentido epistemológico e outro antropológico, ou ontológico.

Desta forma, problematizar implica na busca do sentido dos contextos humanos, e perguntar não é apenas um ato de conhe-

cimento, mas um ato que realiza a existência humana. O desenvolvimento da capacidade de problematizar é fundamental para a libertação e humanização das pessoas. Desse modo, a proposição de práticas pedagógicas problematizadoras são condicionantes para a libertação dos estudantes, que é mobilizadora de novas práticas sociais e políticas.

No âmbito dessa abordagem, a categoria empoderamento não se refere a dar poder a alguém, diante de uma perspectiva individualista. Guareschi (2020, p.243) explica que empoderamento é para Freire: “um processo que emerge das interações sociais em que nós, seres humanos, somos construídos e, à medida que, criticamente, problematizamos a realidade, vamos nos conscientizando, descobrindo brechas e ideologias”. Esta conscientização dá ao sujeito a condição para transformar as relações sociais de dominação. É um poder que leva à libertação.

## A compreensão e explicação na concepção de Morin

A existência do saber ‘compreensão’ é definida por Morin (2001) de duas formas relevantes, quais sejam, a intelectual ou subjetiva, e a humana ou intersubjetiva.

A compreensão intelectual ou explicação refere-se ao que pode ser entendido com clareza e objetividade. Considera o foco do conhecimento como mero objeto. O conhecimento abordado pela explicação usa a fragmentação e tende à especialização para aprofundar conceitos. Culturalmente esse conhecimento organiza-se por meio de disciplinas. A explicação é suficiente para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas anônimas ou materiais, porém é insuficiente para a compreensão humana.

A compreensão humana vai além da explicação. Ela abrange o conhecimento intersubjetivo, que percebe o outro não apenas objetivamente, mas como outro sujeito com o qual é possível nos identificarmos mutuamente. Morin (2001, p. 95) resume bem ao dizer que: “Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade”.



Ao considerar os aspectos intersubjetivos de um fenômeno, a compreensão procura captar os contextos e os aspectos ontológicos dos sujeitos envolvidos, bem como os aspectos significativos de suas vidas. Esse conhecimento deve fazer sentido ético e estético, bem como retratar os valores impregnados nas relações sociais.

A questão da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação nos tempos vividos.

Educar para compreender fatos históricos isolados ou uma disciplina específica está ligado a uma concepção educativa estrita, educar para a compreensão humana relaciona-se a concepções muito mais amplas e profundas. Morin afirma que a missão propriamente espiritual da educação é ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

O dilema da compreensão é duplamente polarizado: um polo é planetário, consiste na compreensão entre humanos, os encontros e as relações que se multiplicam entre pessoas, culturas, povos de diferentes origens culturais. Outro polo é individual, se constitui das relações particulares entre símeis. Tais relações encontram-se em uma fase em que estão, gradativamente, ameaçadas pela incompreensão.

Em consequência, a “ética da compreensão é a arte de viver que nos demanda, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado”, que consiste em compreender as raízes e as manifestações humanas. A ética da compreensão pressupõe a compreensão da incompreensão, demanda argumentação, refutação ao invés de execração. A compreensão não está relacionada ao juízo de valores, não deve estar vinculada à absolvição ou à condenação.

Morin (2001, p.91) esclarece:

A compreensão é, ao mesmo tempo, meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser tarefa da educação do futuro.

As reflexões suscitadas pela obra de Morin, acerca da compreensão e explicação, permitem perceber e analisar o atual cenário da educação que se materializa na sociedade no atual momento histórico, marcado por desigualdades e desprezo à humanidade, em favor da ferocidade despertada pelo capital e pelo consumo desmesurado. Infelizmente assistimos o desmembramento de saberes em competências e habilidades que, por sua vez se fragmentam razão e emoção, suscitando, progressivamente o agravamento de uma realidade educacional desumanizadora, fragmentada em consequência da incompreensão da complexidade e inacabamento do ser humano do ponto de vista ontológico. Na concepção de Petraglia (2008) é preciso reeducar o olhar para compreender a complexidade da vida, bem como entender que os problemas e suas soluções são múltiplos e imbricados.

## A humanização na obra de Freire e Morin

Paulo Freire construiu sua concepção acerca da humanização a partir da ontologia, com o entendimento do inacabamento do ser humano, que está em processo constante de humanização. O autor sustenta que a humanização se dá por meio da educação libertadora, que visa promover a consciência crítica, que é consequência da superação da consciência ingênua, destacando o papel dos educandos como sujeitos do processo educativo e, por consequência, de sua história.

A desumanização é uma situação limite que necessita ser superada e a humanização, resultante do processo de educação libertadora constitui o inédito viável, que advém do processo de conscientização, que é a consciência ativa que se desenvolve em cada educando e no grupo.

O processo de conscientização é desencadeado pelo diálogo, compreendido na acepção freireana:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, p.42).

O processo de humanização se alicerça na educação problematizadora que tem como pilares o diálogo e a conscientização, que torna possível o inédito viável da superação da consciência ingênua, pela qual os seres humanos poderão deixar de serem tratados como coisas, para transformarem-se plenamente em pessoas conscientes de si e de seu papel histórico no mundo. Tal processo não se dá de forma transmissiva, só se torna possível construído pela participação ativa de educadores e educandos.

Vale enfatizar, que as outras espécies do reino animal são inacabadas, mas não são históricas por não terem consciência de seu próprio inacabamento, já o ser humano reconhece e tem consciência de sua inconclusão, nisto reside o papel da educação, como manifestação essencialmente humana. Desta maneira, na concepção humanista da educação na obra de Freire, o educando não pode ser visto como objeto do processo educativo, mas como sujeito. Tal perspectiva sugere o reconhecimento da desumanização como realidade histórica e não apenas como possibilidade ontológica.

A superação da desumanização que se origina na estrutura opressora engendrada na sociedade implica na denúncia das situações que oprimem e embrutecem a vida humana, impedindo a palavra-ação e a participação ativa na própria história e anúncio de situações que viabilizem uma estrutura humanizante.

A obra *Pedagogia do Oprimido* apresenta a pedagogia humanista e libertadora que tem dois pontos centrais: “o desvelamento do mundo da opressão e o comprometimento, pelos oprimidos, na práxis, com a sua transformação; realidade opressora transformada, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo permanente de libertação” (FREIRE, 2005, p. 45).

Nesse sentido, a partir da perspectiva neo-humanista, Morin indica:

[...] a missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidades de emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária (2003, p. 98)

O autor evidencia o papel da educação na humanização da sociedade planetária, colocando em consideração o rompimento das fronteiras culturais diante da conjuntura da globalização e do desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação, que possibilitam o encurtamento de distâncias na realidade virtual.

A educação, ao longo da história da humanidade, esteve ligada a processos de estratificação dos conhecimentos, que foram causadores do afastamento das pessoas que vivem em diferentes realidades, a despeito do movimento contrário que ocorria na história recente.

Na obra de Morin encontramos:

Nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar, e não a ligar os conhecimentos, e, portanto, nos faz conceber nossa humanidade de forma insular, fora do cosmos que nos cerca e da matéria física com que somos constituídos (MORIN, 2000, p. 48)

O saber necessita ser compartilhado e construído colaborativamente no contexto em que está inserido, com a participação ativa da sociedade em geral e do segmento educacional em particular, considerando as relações planetárias e as questões decorrentes da ampliação dos horizontes da humanidade, tanto no que se refere à diversidade humana quanto aos problemas causados pela incompreensão de tais temáticas.

Ao ser indagado sobre a necessidade de refundar um novo humanismo, em entrevista concedida a Simon Blin publicada no *Libération* em 29 de março de 2020<sup>1</sup>, Morin explicou

Nós não precisamos de um novo humanismo, nós precisamos de um humanismo reforçado e regenerado. O humanismo tomou duas faces antagônicas na Europa. A primeira é aquela da quase-divinização do humano, destinado a dominar a natureza. O outro humanismo foi formulado por Montaigne em uma frase: “eu reconheço em todo homem meu compatriota”. É necessário abandonar o primeiro e regenerar o segundo. A de-

---

<sup>1</sup> (Libération Samedi 28 et Dimanche 29 Mars 2020, disponível em <http://agbcampinas.com.br/site/2020/entrevista-edgar-morin-sentir-mais-do-que-nunca-a-comunidade-de-destino-de-toda-a-humanidade/>).

finição do humano não pode se limitar à ideia de indivíduo. O humano se define por três termos tão inseparáveis um do outro quanto a trindade: o humano é ao mesmo tempo indivíduo, um momento da espécie humana, e um momento da sociedade. Ele é simultaneamente individual, biológico, social. A partir desse momento, o humanismo não saberia ignorar nossa ligação umbilical com a vida e nossa ligação umbilical com o universo. Ele não se esqueceria que a natureza está tanto em nós como nós estamos na natureza. A base intelectual do humanismo regenerado é a razão sensível e complexa. Não somente é necessário seguir o axioma “não há razão sem paixão, não há paixão sem razão”, mas nossa razão deve sempre ser sensível a tudo que afeta os humanos.

A preocupação atinente ao “novo humanismo” revelada por um entrevistador da imprensa, tendo-se em mente que, o *Libération* é um jornal de opinião diário publicado em Paris, França, fundado em 1973 com apoio de Jean-Paul Sartre, que foi seu primeiro editor, e que se posicionou na época de seu lançamento à extrema esquerda, revela a necessidade desta discussão hodiernamente.

A relevância da presente discussão está vinculada às situações de crise de paradigmas enfrentadas nos tempos vividos, no que tange à educação ao redor do mundo e, dentre outros fatores e de modo mais específico à educação brasileira.

## Considerações finais

As concepções de vida humana destes dois intelectos, Freire e Morin, convergem ao reconhecerem a necessidade de humanizar a educação para que o ser humano possa empoderar-se, perceber-se como sujeito histórico capaz de decidir sobre a sua trajetória, compreender o seu contexto e valorizar uma ética democrática coletiva.

Ambos criticam os valores que regem a sociedade dos resultados, da descartabilidade do sujeito humano que é reduzido ao seu potencial produtivo.

A superação da desfragmentação dos conhecimentos, bem como da ausência de objetivos humanizadores na educação hodierna, se relaciona a tomada de consciência da sociedade em geral, não há como ficar restrita apenas ao meio educacional, embora tenha-

mos claro que, as ações educativas ocupam destaque no movimento de resgate de valores humanos, mas é mister elucidar que também a educação é influenciada diretamente pelo contexto sócio-histórico.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Editora Olho D'Água. 2001.

GUARESHI, Pedrinho. **Empoderamento**. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica. 2020. p. 147. Recurso digital: Kindle.

GUIMARÃES, Carlos Antonio Fragoso. **Paulo Freire e Edgar Morin sobre saberes, paradigmas e educação: um diálogo epistemológico**. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2020. p. 288-294. Recurso digital: Kindle.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Trad. Vera Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber**, 10a. ed. [rev. e ampl.], Petrópolis, Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **“Olhar sobre o olhar que olha”**: Complexidade, Holística e Educação. Petrópolis, Vozes, 2001.

ZITKOSKI, Jaime José, STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; (org.). **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo: Autêntica. 2020.